



A Santa Sé

VISITA PASTORAL NA IGREJA ROMANA
DE SANTO ANTÓNIO DOS PORTUGUESES

HOMILIA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II

23 de Maio de 1979

*Senhor Cardeal Patriarca
e veneráveis Irmãos no Episcopado,
Excelentíssimos Senhores,
Amadíssimos filhos e filhas de Portugal "fidelíssimo",
A GRAÇA DO SENHOR Jesus esteja com todos vós!*

Assim vos saúdo cordialmente, com apreço e gratidão pela alegria deste encontro. E por vós, por vós especialmente amados Irmãos Bispos e Senhores Embaixadores, saúdo o querido Povo português.

Congregou-nos aqui o amor de Cristo, para louvar e agradecer a Deus. O motivo è um apelo e uma resposta, que vêm de há oito séculos. O apelo, feito pelo meu Predecessor Alexandre III, na Bula *Manifestis Probatum*, ao vosso primeiro Rei Dom Afonso Henriques, dirigia-se a Portugal. E dizia: "Submisso e devotado à santa Igreja Romana, exercitando-te... na dilatação dos confies da Fé cristã, (que) a Sé Apostólica se alegre (sempre) por tão devoto e glorioso filho, e descanse em teu amor"(1). E a resposta deu-a Portugal, ao longo da sua história.

Nesta data significativa, aqui na igreja de Santo António dos Portugueses em Roma, bem perto do Túmulo de São Pedro, entre os motivos de comum alegria – como frisou no seu discurso o Senhor Cardeal Patriarca – no nosso louvor a Deus prevalecem as relações entre Portugal e a Sé Apostólica, em oito séculos de história, percorridos juntamente.

O que caracterizou essa caminhada em conjunto, talvez se possa sintetizar nisto: *fidelidade* à

Igreja, Mãe e Mestra dos povos, da parte de Portugal, desde quando o seu primeiro Rei, pela Carta *Claves Regni*, ofereceu à Igreja Romana a terra portugalense (2); e *boa vontade*, da parte da Santa Sé, que vai até conceder a Portugal o título de “fidelíssimo”, na pessoa dos seus soberanos (3).

Nesta selecta representação, que aqui veio hoje orar com o Papa, vejo a herança e a identidade de Portugal cristão, com antigas e renovadas fidelidades, com passadas e presentes aspirações. São de Deus conhecidas e deixo no coração, neste momento, evocações respeitadas e justas menções de pessoas e factos, que, na vossa pátria, marcaram a vida da Igreja, una e única, sempre e em toda a parte solícita pela vocação do homem em Cristo (4).

Nesta nossa Liturgia de agradecimento ao Senhor, quereria apenas lembrar três coordenadas da trajectória de fidelidade a Deus e à Igreja, na vida cristã e na piedade do dilecto Povo português, como outros tantos motivos de regozijo no Senhor, e de estímulo para o futuro. E essas coordenadas são:

– Cristo, Redentor e Salvador, não acaso a figurar, em expressivo símbolo, nas quinas do bandeira pátria, e cuja cruz assinalava as caravelas de quinhentos, lançadas em gloriosa aventura, também por motivo de “cristãos atrevimentos” (5);

– a Virgem Santíssima, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, Nossa Senhora, como vós preferís chamá-la, a qual, na “Casa Lusitana” e “Terra de Santa Maria”, a dado momento, de “Senhora” passou a ser “Rainha de Portugal” (6);

– a vivência daquela dimensão essencial da Igreja, qual é a de ser por sua natureza missionária (7): a obra de evangelização realizada constitui uma das mais lídimas glórias religiosas de Portugal (8).

Na luz do passado, este grato encontro de hoje – Portugal do presente e o presente da Igreja na vossa pátria com o Sucessor de São Pedro – é propósito de continuidade na linha das vossas fidelidades. Oxalá todos os Portugueses, buscando o bem comum – segundo Deus, a lei suprema de toda a sociedade – se empenhem em cultivar os valores espirituais, num clima social de moralidade, justiça, paz e amor fraternal!

Sim, amados Portugueses: cultivai a dignidade pessoal, conservai o bom espírito de família e respeitai a vida e o Senhor da vida e Senhor da história; que no viver e testemunhar a vossa opção por Cristo, continueis a ouvir o vosso épico e “multo façais na Santa Cristandade” (9).

Em vós, aqui presentes, abençoo a vossa terra e o vosso Povo – pessoas, famílias e comunidades, com os seus responsáveis, pensando também nos vossos emigrantes e, com particular afecto, nos meus Irmãos Bispos. O Papa vos ama, a todos, e confia em vós!

E concentrando a mente e o coração em Cristo, *do qual procedem todas as coisas e para o qual são todas as coisas* (10), nesta Eucaristia, pelo valimento de Nossa Senhora e dos Santos da vossa terra, vamos continuar a louvar, agradecer e a pedir a Deus Pai, por Portugal, unidos no Espírito Santo.

Amen!

1. Alexandre PP. III, Bula *Manifestis probatum*, 23 de Maio de 1179: Lisboa, Torre do Tombo, Cx. das Bulas, m. 16, doc. 20.
2. Cfr. Dom Afonso Henriques, Carta *Claves regni* ao Papa Lúcio II, 13 de Dezembro de 1143.
3. Cfr. Bento PP. XIV, Bula *Charissime in Christo* ao Rei de Portugal Dom João V, 17 de Dezembro de 1748: *Bullarium Romanum*. Venetiis 1778, t. III, pág. 1.
4. Cfr. Enc. *Redemptor Hominis*, n.º 18.
5. Camões (de) Luís, *Lusíadas*, Canto VII, 14.
6. Cfr. *Auto de Aclamação de Nossa Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal pelas Cortes de Lisboa, em 1646*: referido por Oliveira - P. Miguel, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa 1958; pág. 333 ss.
7. Cfr. II Conc. do Vaticano, Decr. *Ad Gentes*, 1: AAS 58 (1966), pág. 964.
8. Cfr. Pio PP. XII, Enc. *Saeculo exeunte octavo*, ao Episcopado Português, de 13 de Junho de 1940.
9. Camões (de) Luís, *Lusíadas*, Canto VII, 3.
10. *Heb. 2*, 10

